



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (0 5 5) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 9 de Dezembro de 1995 • Ano LII — N.º 1350 — Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Notas do tempo

Um tema que nos toca de perto

DECORRERAM estes dias, no Porto, um *Congresso de Psiquiatria Forense* e um *Encontro Luso-Galaico de Saúde Mental* — o que diz da importância do tema nas mentes de quem, por profissão ou interesse social, se preocupa com os problemas da loucura e da desviância.

Também o tema nos toca de perto, a nós que somos para tantos que procedem destas origens malsãs e queríamos ver um caminho de sanação na raiz destes males, na linha utópica de Pai Américo: «*A nossa maior glória seria fecharmos... por não sermos mais precisos.*»

Ora a verdade é que esta não é a tendência que se vislumbra, como nos ensina a experiência própria e nos confirma o responsável pela Organização do Congresso acima referido: «*O desvio existe e aumenta a olhos vistos nos dias*

de hoje. Saber lidar com ele é tarefa árdua, sobretudo se a coisa se complica e há violência e morte pelo caminho. Por isso, «*nunca foi tão necessário como hoje que psiquiatras, magistrados e juristas trabalhem juntos.*»

Porquê hoje o mal se agrava (e promete condenar-nos a um trabalho sem progressos notáveis e sem fim) se as ciências ampliaram tão notavelmente os seus conhecimentos e recursos e o homem não mudou substancialmente na sua natureza íntima?! Parece que há uma *poluição* crescente que o envolve e enfraquece a sua resistência aos desequilíbrios (possibilidade latente em cada um, que circunstâncias adversas polarizam), na medida em que debilita as forças da alma, o grande suporte de um comportamento equilibrado e conforme «*às normas e regras sociais que existem, como existe o desvio, e entram no domínio da Justiça.*»

É claro que «*é impossível separar o corpo da alma*», já que esta união é a condição da vida e de se falar de aconte-

cimentos que a afectam. Mas não constituirá a *poluição* de que falo, exactamente um esvaziar de valores resultante de um empolamento do corpo sobre a alma, do instante sobre o que permanece, do sensível sobre o espiritual?

Não conheço as conclusões das importantes reuniões que refiro, nem sei a ressonância que elas terão na prática da vida social. Julgo, porém, que a tantos capítulos de interesse indiscutível que foram reflectidos, faltou juntar mais um, não sei se direi bem, de natureza ética, porquanto o que quero dizer é que: no estudo dos comportamentos desviantes, se considerasse não só o que deles redunda sobre a sociedade, como também quanto os facilita e multiplica, em quantidade e em espécie, a postura passiva, permissiva, da sociedade dita *normal*, «*com suas normas e regras que entram no domínio da Justiça*»... mais no papel do que em vida.

Continua na página 3

ENCONTROS em Lisboa

Os Pobres são pessoas vivas...

TENHO uma pessoa amiga que me encanta com os seus discursos sobre a pobreza. Faz belíssimas análises sobre os processos que levam à pobreza ou sobre as formas de reprodução da pobreza. Conhece e aplica com uma incrível facilidade os números. Fala de desenvolvimento e das formas de quebrar o ciclo da pobreza, introduzindo muitos processos através dos quais é possível fazer ruptura com este estado de coisas e a partir em melhores direcções. Um dia, andávamos em andanças em conjunto, e fiquei abalado com uma confiança que era também um pedido: «*Por favor, não me coloques na situação de ter que tocar ou dar um beijo naquelas pessoas.*» Referia-se aos habitantes de uma zona bastante degradada, onde o aspecto físico, a apresentação geral e o som das palavras não eram agradáveis nem à vista nem ao ouvido. Fiquei a saber que para o meu amigo, Pobres e pobreza eram conceitos, números estatísticos, taxas de rendimento etc., manipulados no aconchego do seu escritório. No entanto, os Pobres são pessoas vivas, seres de carne e osso, com inteligência, com emoções e sonhos, com voz, dignidade e esperança...

Ineficácia

na luta contra a pobreza

Este acontecimento tem-me acompanhado na reflexão sobre a nossa ineficácia na luta contra a pobreza e também a distância que existe entre o que se afirma e, depois, os compromissos concretos. Mesmo no interior das comunidades cristãs, para não falar nas instâncias oficiais. Vêm-me constantemente ao pensamento: Francisco de Assis que só adoptou verda-

deiramente o Pobre quando venceu o terror e temor de dar o beijo ao leproso, ou um João de Deus quando, em sua casa, acolheu o pobre Doente e se tornou seu servidor, ou Joana Jukan quando cedeu a sua cama à velhinha solitária e partiu a pedir para a poder sustentar. Qualquer um destes gestos deu origem a grandes movimentos a favor dos Pobres. Eles tornaram-se realidade, palpáveis, estavam ali. Não podiam ser reduzidos a números. Eram alguém.

Também muitas vezes, sobre este assunto, me vem ao espírito o prólogo do Evangelho de S. João: «*O Verbo fez-Se carne e habitou entre nós.*» Esse acontecimento fez-nos conhecer o amor de Deus, palpável, próximo, frágil, na imagem de uma criança. É por isso que o Natal tem tanto encanto. Encontramos um Deus-Menino. Um amor concreto, verdadeiro, feito carne, resposta ao nosso coração ansioso por encontrar no amor a nossa melhor e mais feliz realização.

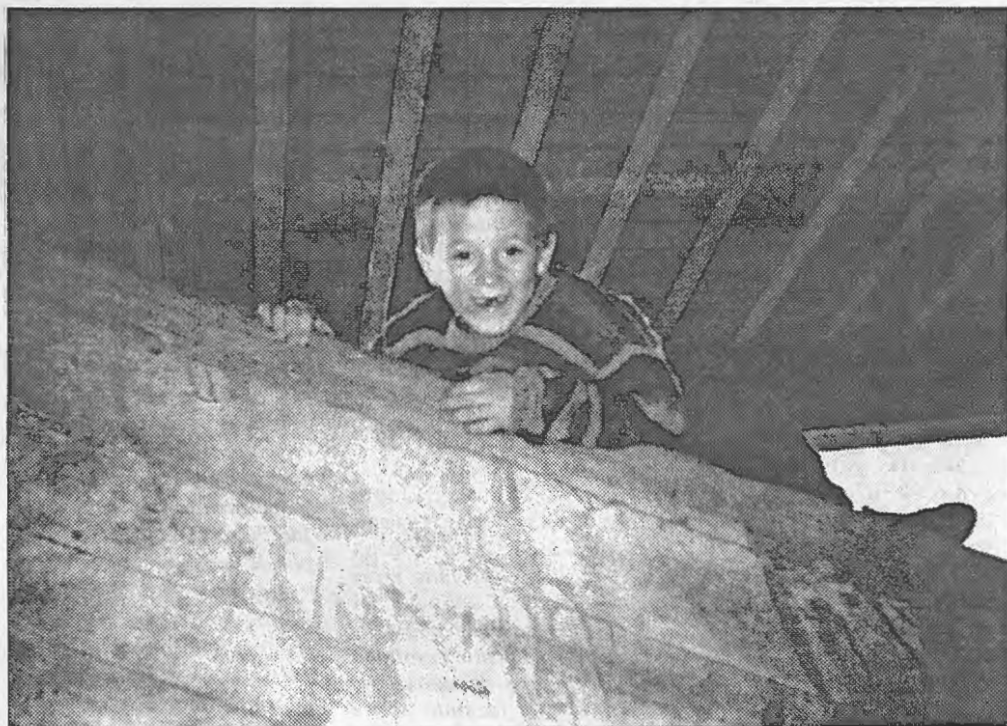
Metodologia

das Conferências Vicentinas

Para quem tem a dita de viver numa Casa do Gaiato sabe que a solidariedade e o amor pelos Pobres não morreu no coração das pessoas, tais são as demonstrações de carinho e empenho para conosco e para com os nossos rapazes. Temos a vantagem de estarmos organizados e sermos visíveis. Fico com alguma frustração quando me dizem: «*Devem existir outras pessoas pobres, mas não conheço ninguém.*» Sabem que existem, mas não estão visíveis, não são palpáveis, talvez sejam apenas estatísticas.

Faz parte da metodologia das Conferências de S. Vicente de Paulo cada

Continua na página 3



Toninho com seu ar gaiato

TRIBUNA DE COIMBRA

Será que ainda vamos a tempo?

TRÊS anos perdidos. Foram tantos e tais quantos viveu com os pais, uma «família» desfeita há muito, o nosso último menino que chegou e se chama Bruno Miguel.

Que me caíam em cima se são pedras que atiro quando deles me lembro e o vazio da sua vida me enche de pavor...

Bem os conheci sem norte e ainda me enche de mágoa o momento da noite em que, de lágrimas ocultas e emoção contida, despejaram quatro dos seus pequeninos no regaço da Obra da Rua... Ainda não ia longe o dia em que dois caíam «caprichosos» — de uma Europa rica do Norte — tinham aceitado, numa

adopção legal, dois filhos deles. Se os Pobres os não gerassem, sabendo de técnicas o que sabem os ricos, havia muitos palácios vazios...

Ainda me lembro quando trouxe aquele ninho de crianças. O Bruno já então fazia parte do agregado. Mas lá ficou embrulhado numa fraldinha e na ilusão de que ainda pudesse

segurar os frágeis fios de vida afectiva que unia os seus progenitores.

Muito se perdeu...

Não valeu a pena e muito se perdeu se tivermos em conta as mais sábias aquisições das ciências humanas que afirmam ser de vital

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — «F. vive miseravelmente. É preciso acudir, ao menos com mercearia...»

Ele andou sempre ao Deus dará..., por vontade própria. Agora, porém, é um «farrapo humano»!

• De vez em quando aparece gente pedindo auxílio para o funeral dum parente. Analisamos; e, em alguns casos, acontece chegarmos à conclusão de que não deveriam recorrer... ao banco dos Pobres!

• Ciclicamente, a despesa de fármacos empola porque não é fácil os pensionistas do regime especial e do geral, abeirarem-se do boticário.

— Eu não consigo governar a minha casa com reforma tão piquena!

Efectivamente o rendimento mínimo garantido..., decerto não chegará para tudo nem para todos. Mas, é sempre um bocadinho mais — para os mais felizes.

Abstraindo-nos de ideologias, esta oferta do imposto dos contribuintes, à luz da Justiça Social cristã já deveria ter sido aplicada há muitos anos — do modo como, eventualmente, será processada.

Compreendemos, no entanto, que o auxílio precisa de ser implementado com muito cuidado para se evitarem aldrabices. E, na sua aplicação, também seria útil a acção específica da própria Sociedade de S. Vicente de Paulo..., que serve o Pobre no domicílio — de irmão para irmão.

PARTILHA — Doze mil escudos da assinante 14708, «pequena ajuda para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Acrescenta: «Não é preciso agradecer nem mencionar o nome». Só Deus sabe. Mais ninguém!

Dez mil, da assinante 9708, de Coimbra: «Sabem, melhor de que eu, para o que será mais necessário. É pouco, bem sei. Paciência». O valor está aqui!

Retalhos de vida

ALMEIDINHA



O meu nome de Baptismo: Jorge Manuel Jesus Almeida. Aqui sou conhecido por Almeidinha.

Jorge Manuel

Remanescente do assinante 15693, de Nova Oeiras: «Não esqueço a Conferência. A minha mulher foi vicentina, durante muitos anos, em Angola». Feliz, nos braços de Deus, por o marido lembrar os Pobres que ela serviu, também.

Assinante 24671, de Braga: «Esqueci-me de mandar este cheque (de 4.000\$00) em Setembro! É para as viúvas». Cumprimos.

Cinco mil, de Santa Cruz do Douro (Baião): «Uma pequena ajuda. Mais vale tarde do que nunca...» Muito bem!

O dobro da assinante 14493, da Foz do Douro, «minha contribuição referente ao mês de Novembro — com a amizade de sempre».

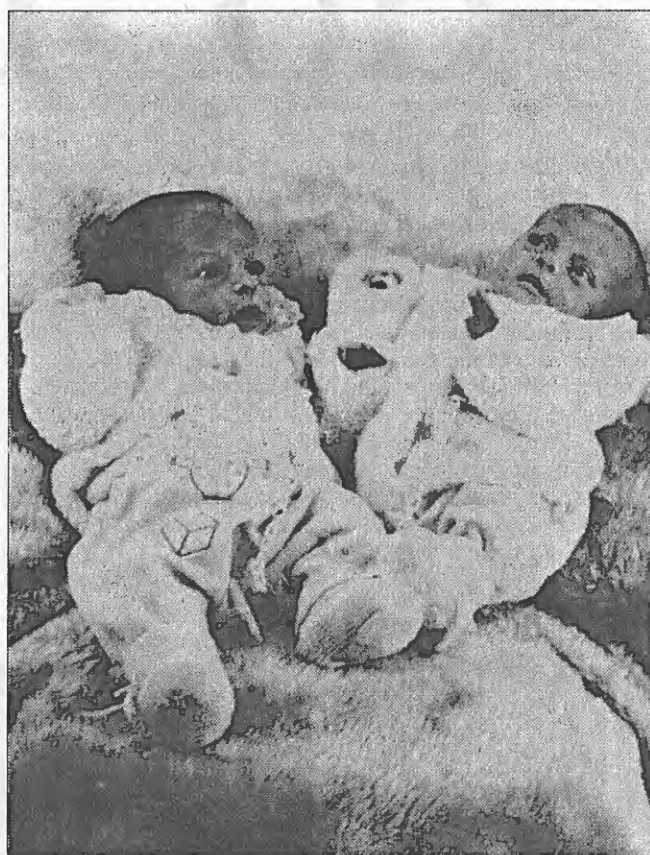
Mais quinze mil, da assinante 57002, da Senhora da Hora: «Distribuirão como melhor entenderem, pois estamos já perto do Natal». Uma remessa para a consoada!

Casal-assinante 11902, de Fundão, «com a mensalidade de Novembro acrescida do subsídio de Natal, que já recebi».

E mais: «A pequenina ajuda (20 dólares canadianos) para repartirem com quem mais precisa. É bem pouco para as necessidades que aparecem» — óbolo da assinante 32217, de Vancouver (Canadá).

Assinante 28923, de Cascais, cinco contos, dando o aval a quanto referimos na edição de 28 de Outubro p.p.: «(...) Vivi problemas mais que... muitos. E muitos deles ajudei no que pude, algumas vezes por me sentir revoltada ao ver jovens dotados com suficiente QI fazendo 'triste figura' por falta de SASE e toda a burocracia inerente».

Assinante 28053: «Como se aproxima o santo Natal, e



Diana Patrícia e Daniela Filipa, gémeas do Rocha e da Maria Adelaide.

como costume fazer todos os anos, envio insignificante oferta destinada à Conferência. São mil escudos meus e outros mil de pessoa amiga. Vive dum pequena pensão de reforma. Não pode dispor de mais».

Assinante 32239: «Se alguma 'coisa' sobrar, entreguem-na por favor ao Júlio (desculpe a 'sem cerimónia'... mas conheço-o há muitos anos!), por alma de minha Mãe, e de quem os Pobres devem também sentir a falta nas suas contribuições pequenas — pensão de viúva e está tudo dito! — mas frequentes. Ele saberá qual o 'buraco' mais necessitado de 'remendo'».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

GRIPE — Temos vinte e cinco rapazes no hospital da nossa Casa — doentes com gripe.

Temos também alguns outros com ferimentos provocados pela bola, pela brincadeira, por tudo o mais.

GALINHEIROS — As galinhas vão muito bem. Não

deixam de pôr os seus ricos ovos para a nossa alimentação.

As coelhas estão todas cheias e não tardarão a nascer coelhinhos.

FRIO — Chegou, finalmente!

Os rapazes andaram com camisa de manga curta e, agora, temos de vestir camisa, camisola e casaco para não sentirmos frio e não nos constiparmos.

OBRAS — Os trolhas trabalham no rés-do-chão da casa 4.

Têm lá muito trabalho, na pintura de toda a casa.

LAVOURA E HORTA — Teremos um novo tractorista, o Joaquim. O Meno está a ensiná-lo e a ensiná-lo bem.

A horta, com as chuvadas, está verdejante. Ela é uma grande reserva para a nossa alimentação. Das couves a tudo o mais.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

ANIVERSÁRIO — Hoje, 28/11/95, completo 30 anos que cheguei a esta Casa e não queria, de maneira nenhuma, deixar passar este dia em branco, sem manifestar a minha alegria.

Aliás, nunca recordei festejar os anos de Casa. Por ser uma data bonita, faço uma pequena festa com os amigos de peito.

Passados estes anos todos, sempre ligado à Obra, devo dizer que, de facto, valeu bem a pena. Eu próprio reconheço; e aproveito para agradecer aos militares que me trouxeram da Guiné à Casa do Gaiato, pelo meu desenvolvimento e por tudo aquilo que fizeram para o meu bem-estar. Muito obrigado.

Jorge Alvor

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Estão a reconstruir as escolas. A eira, onde os mais pequenos jogavam futebol também, está em obras.

Ao pé dos baloiços ficará um jardim. As bancadas já foram feitas, no campo de futebol.

CARA NOVA — Recebemos mais um rapaz com três anos, de Vila Franca de Xira. É o Bruno Miguel Ferreira Neves. Não conhece ninguém, excepto três dos seus irmãos, o Marcos, que cuida dele, o Vitiinho e o Carlitos com quem brinca.

FUTEBOL — A nossa equipa está em boa forma, mas agora não podemos jogar, o campo é um lamaçal por causa das obras.

O onze inicial não está completo porque os grandes são poucos e alguns não jogam futebol.

GADO — Há pouco tempo nasceram mais oito leitões. As galinhas põem poucos ovos, já estão muito velhas. As novas, não são poucas e já entraram na postura.

As vacas, cada vez melhor. Pelo menos quatro estão para parir. Às vezes dão pouco leite e, noutras, o suficiente para todos beberem. Tivemos que fazer uma amarra para a vitela. Andava sempre aos saltos contra as paredes e poderia partir alguma pata!

As cabras foram levadas ao bode, do nosso vizinho, para terem cria.

LAR DE COIMBRA — Tem um ambiente muito calmo para os rapazes que estudam e para terem senso do que estão a fazer. Nos primeiros pontos as notas não correram muito bem, mas as segundas foram melhores. O primeiro período já está quase a acabar. Espero que todos nós, como os vossos filhos, tenhamos boas notas.

João «Xupo»

SETÚBAL

LAR — As obras terminaram, por este ano: Canalização renovada, três dos oito quartos arranjados, paredes forradas a madeira, chão envernizado, e as camas são novas. Tudo feito pelos nossos carpinteiros e alguns rapazes. No próximo ano, prevemos a remodelação dos restantes quartos.

POBRES — Aparecem em grande quantidade à porta do nosso Lar, esperando levar para casa alguma coisa. É triste ouvir dizer que Setúbal tem um grande desenvolvimento e, depois, vemos aquela multidão. Esperamos que o novo Governo não passe ao lado destes problemas.

INFORMÁTICA — Aos poucos vamos entrando nesta área, indispensável nos dias de hoje. Temos oito computadores cedidos pelo *Inforjovem*, mais três oferecidos por Amigos. Com o acesso a estes computadores temos oportunidade de fazer diversos trabalhos e conhecer um pouco mais desta matéria.

AGRICULTURA — Em nossa Casa o campo é muito importante. É o nosso maior celeiro. Agora, acabámos de semear a aveia e, na horta, temos cenouras, coentros, salsa e houve bastante feijão verde para as refeições, sendo algum guardado na arca para comermos no Inverno.

DESPORTO — É o desporto-rei. Todos os dias a bola roda, em nossa Casa, e aos sábados e domingos a equipa orientada pelo Júlio — eleito treinador na última reunião — dá o seu melhor apenas nos treinos, pois não há jogos! Desde Agosto só realizámos uma partida, ganha por 2-1. Gostáramos que houvesse equipas para nos defrontar e nos contactassem, se possível, por carta para: *G.D.R. O Gaiato, Casa do Gaiato, 2910 Setúbal*; ou pelo telefone (065) 523054. Responsável: Manuel António.

CORO — Ao fim de meses de ensaio, alguns rapazes da Escola Primária e da Telescola já cantam durante a celebração da Eucaristia. É difícil passarem despercebidos, pois com tão pouco tempo de preparação para quem começou do nada, já tocam e cantam como gente grande.

OFERTAS — Agradecemos à Docca Pesca que nos dá imenso peixe; à Socar que se lembra de nós, todas as quintas-feiras; e a todos os que ajudam frequentemente a Obra da Rua.

MAGUSTO — Realizámos o nosso magusto, depois de estarmos preocupados por não termos comprado a batata doce a tempo. A que restava para venda tinha um preço alto. O carinho das pessoas pela nossa Casa mais uma vez se manifestou: o senhor que nos vendeu a batata doce reduziu o preço; deram-nos o peixe, assim como as castanhas. E, como se não bastasse, ainda apareceu outro senhor que nos ofereceu dois sacos de batata doce! Muito obrigado.

Guerreiro

BENGLUELA

Consequências da guerra

A guerra é um monstro que nada poupa. Por onde passa, deixa morte e feridas graves. As maiores vítimas são as crianças, as mães e os velhinhos. São os mais indefesos.

Os grandes valores do povo são terrivelmente abalados pela guerra. Tocamos muitas vezes neste ponto, porque estamos a sofrer as consequências deste mal. A família foi, por certo, a instituição que mais sofreu. Daí, a multidão de filhos a vaguear; a grande maioria de lares desfeitos; mulheres sem conta, entregues «à sorte»; velhinhos que não sabem o que é viver e morrer como pessoas.

Um encontro

Encontrei-me, ontem, com uma rapariga, ainda jovem, de passagem por Angola. Estava casada, há pouco tempo. Ao ver passar o nosso camião com 126 rapazes, a caminho do mar, perguntou quem éramos. Foi o pretexto para metermos conversa. Disse-me que não gostava de Angola por ver muita miséria. Crianças..., lixo..., fome..., insegurança..., morte... Compreendi tudo o que me dizia. Na terra onde tem a residência habitual, nada «disto» acontece. Quem vem para Angola à busca de coisas, dêem-lhe o nome que quiserem, na hora presente, terá a linguagem daquela jovem mulher. Mas, quem vem por amor das pessoas há-de ficar, há-de transformar-se e falar doutra maneira.

Quem dera que, na quadra do Natal que se aproxima, os vossos filhos pudessem estar com os filhos do povo, nesta terra. Quem dera que os pais pudessem acompanhar os filhos. Creio que sairiam outros. Os pais mais pais, porque enriquecidos com pontos de referência concretos, que não dos livros apenas, para guiarem os seus filhos pelos caminhos da grande Solidariedade. Mais ricos, sim, porque a herança grande que um pai deve deixar aos filhos é a riqueza dum coração bom. Um «coração de ouro» pode identificar uma pessoa.

Os filhos também sairiam outros. Será possível um filho, uma criança, um jovem ficar indiferente perante a sorte de desgraça em que estão mergulhados estes filhos, estas crianças, estes jovens? Mais: sabendo que são, na maior parte, vítimas inocentes? Sim, quem vem por amor não tem pressa de partir. Tive pena de que aquela mulher jovem, na sua passagem por esta terra, gostasse apenas das águas mornas das praias. Apesar de tudo, a tristeza com que falou, permitiu-me ver um coração diferente daquele com que pisou este solo, quando chegou. Que assim seja!

A propósito dos grandes valores humanos

A propósito dos grandes valores humanos abalados pela guerra, logo que cheguei, após o período de repouso, em Portugal, recebi três pedidos, em simultâneo, para receber outros tantos meninos. A causa era

igual: a guerra destruiu a família moralmente. O pai desapareceu e a mãe anda por aí... ou morreu. Perguntei pelos familiares. «Que ninguém apareceu ou quer assumir a responsabilidade», foi-me dito.

Vou comentando, espontaneamente, a situação com as pessoas que me procuram. Antes desta guerra não era assim. A Casa do Gaiato está em Angola há trinta e dois anos, feitos em 14 de Novembro de 1995. A população da Casa, sem qualquer discriminação, era constituída por cerca de 95% de garotos mestiços, os rapazes mais tipicamente nossos. A população negra era uma minoria significativa. Uns e outros se fizeram homens, de mãos dadas como irmãos, como há bem pouco tempo o demonstraram, publicamente, a propósito dum acto de injustiça de que a Casa do Gaiato foi vítima. Eu estava ausente. Eles assumiram, como se a ferida tivesse sido feita a eles mesmos. Por isso reagiram. Quero agradecer-lhes nesta tribuna que é O GAIATO.

Porquê esta tão grande diferença de agora, em que a população negra da nossa Casa anda pelos 98% e a branca e mestiça pelos restantes. Uma das razões, deixarei as outras, é que a família angolana, em condições normais, não concebe que uma criança possa ser abandonada. Se a parte nuclear da família falha, os outros elementos da família actuam com a mesma força do amor familiar e com a mesma autoridade familiar. São os tios, os primos, os padrinhos, é a própria vizinhança. Todos, segundo uma certa ordem, assumem a criança. Isto é simplesmente admirável: a chamada família alar-

gada constitui um valor humano de inestimável alcance. Pode bem ser apontado como valor exemplar para outras sociedades. Como nos causa dor que tal responsabilidade não seja assumida, porque se perdeu com o avanço da dita civilização noutros povos.

A criança da rua

Em Angola, este valor humano foi seriamente afectado pela guerra. As consequências estão à vista. A criança da rua tornou-se um fenómeno social negativo, pela dimensão que atingiu, sobretudo nos grandes centros urbanos. Por isso, se se quer estancar esta hemorragia social, há que procurar um caminho. Obrigatoriamente é o caminho da família.

Tem-se falado muito na criança da rua, abandonada. Algo se tem feito por ela. Mas é necessário ir à raiz do fenómeno: a família. Eis um terreno em que a Igreja e a sociedade civil se devem encontrar. A degradação familiar avança. Numa Nação em que o elemento humano é a maior riqueza, a família deve ser o centro das grandes preocupações, pois nela está a fonte dessa riqueza.

Estamos no princípio do Advento, quando o jornal chegar às vossas mãos. No dia em que escrevo estas notas, a Liturgia da Palavra apresenta a cena dos ricos que dão esmola do que lhes sobeja e da viúva que a dá da sua penúria porque tem muito amor. O comentário é de Jesus: «Ninguém deu mais do que esta viúva».

Padre Manuel António

Notas do tempo

Continuação da página 1

Estruturas sociais deficientes são muitas vezes causa de «maus» comportamentos

SITUAÇÕES destas, derivadas de deficiências das estruturas sociais, podem ser, e são muitas vezes, causa de «maus» comportamentos.

O nosso Zé A. tem agora quarenta e poucos anos, mulher e filho. Há muitos anos é operador de máquinas e em estradas e obras várias tem sido o seu trabalho. Nem paragem nas obras, nem falência das empresas o têm estorvado de continuar, mesmo nas condições precárias de trabalho sem descontos nem regalias sociais.

Agora não. Desde Agosto tem procurado em vão; e no princípio de Setembro teve de recorrer pela primeira vez ao Fundo de Desemprego.

Três meses passados e ainda nada recebeu. E o senhorio não espera, nem a mercearia nem a padaria... nem os estômagos deles,

incapazes de tão longo jejum.

Desesperado, apareceu-me ontem. Na véspera tinha ido ao Porto e reconhece que disse coisas que não havia de dizer quando, com toda a naturalidade, lhe responderam que certamente só em Janeiro viria a receber.

«Obscenidades não; mas disse coisas que não devia dizer» — foi assim mesmo que me disse a mim.

Se fosse só ele?... Mas quantos e quantos dirão coisas que não deviam dizer, porque acontece o que não devia acontecer! São assim os poderes, chamem-se Segurança Social ou Companhias de Seguros. Que seguranças?, que seguros?

Ao Zé A. remediámo-lo nós, para as necessidades mais urgentes. Mas quantos Zés que nem a esta segurança têm recurso?!

«Quem não tiver culpas atire a primeira pedra»

GOSTARIA de terminar estas notas por outra de conteúdo positivo, de sabor não amargo. Mas não. Na expectativa de melhores notícias, tenho demorado esta, que a devo a

alguns dos nossos Leitores que, sensibilizados pela situação em que ficou a mulher e a filha do nosso Manuel Abílio depois da morte dele, nos têm ajudado a ajudá-la para que não percam a sua casinha — único bem que herdaram e não é delas.

Impossível que foi arrumar o caso antes das férias judiciais, esperámos que logo após se conseguiria algo. A primeira etapa foi o adiamento da sessão marcada para Outubro. A de Novembro deu à menina um tutor e remeteu para Dezembro a conclusão do processo que lhes permitirá renegociar o empréstimo bancário em condições que não sejam asfixiantes como as presentes e que há muito as teriam já asfixiado se não fora a solidariedade que disse imediatamente sim.

Será em Dezembro?... Trará o novo ano a aurora de dias mais pacíficos?...

E se todo este arrastar das estruturas, dos poderes postos para defender e segurar, fosse maré propícia a tentações, caldo de cultura de algum desvio — haveria quem repetisse a sentença de Jesus: «Quem não tiver culpas atire a primeira pedra»?!

Padre Carlos

PENSAMENTO

A primeira coisa que desqualifica um chefe é desejar sê-lo. A maior prova de não saber mandar é querer mandar.

PAI AMÉRICO

TRIBUNA DE COIMBRA

Será que ainda vamos a tempo?

Continuação da página 1

importância para o desenvolvimento relacional ulterior, o capital afectivo adquirido nos primeiros dois anos de vida.

O Bruno, passados os cinco anos primeiros de vida, deita por terra o malsão desabafo que ouvi a alguém metido em assuntos de assistência e protecção de menores: «Mais vale uma má família que uma boa instituição...»

Se ela pegasse nele ao colo e medisse a tensão nervosa, a desconfiança, o medo e as suas recusas duvidaria do peso livresco da sua afirmação.

O Bruno veio de longe e passados três anos. Foi pena não ter vindo logo, com lucro visível para todos. Bebeu com os progenitores o «leite» da instabilidade emocional. Habitou tectos sem luz, deambulando com eles na estrada da sorte, ao deus-dará. Só sabe dizer «não» quando alguém lhe oferece amizade e carinho.

Continuação da página 1

associado acompanhar um Pobre. Já houve um tempo em que me parecia descabido este quesito. A vida ensinou-me que essa metodologia está correctíssima, porque é a única capaz de tornar o Pobre de carne e osso. Se muitos dos nossos homens da política, das universidades, das direcções de empresas, disto e daquilo, bem posicionados no leque salarial e no usufruto dos bens da sociedade conhecessem um Pobre, se o adoptas-

ENCONTROS em Lisboa

sem como irmão de caminhada, creio que as estruturas sociais se fariam eco deste conhecimento e as reivindicações de mais regalias também seriam marcadas pela solidariedade. Se nas comunidades cristãs se tivesse este cuidado de apontar o caminho dos

Três anos volvidos, será que ainda vamos a tempo?

O carinho dos quatro irmãos pelo Bruno Miguel

Como tenho apreciado e saboreado o carinho dos quatro irmãos por ele! Parece que há muito, sem se conhecerem, bem desejavam este reencontro. Guardo como recordação tudo o que o João, o mais velhinho, de 13 anos, soube exprimir enquanto aguardava ansiosamente o reencontro: numa folha de papel, um sol pintado de ouro, despontando por entre montanhas; um moinho moendo; uma casa de portas e janelas rasgadas. Era a harmonia, o pão, a família apetecidos em sonho. Um lindo desenho traçado por entre lágrimas.

A chegada do Bruno entre nós em tempo de Advento, traça com um realismo inegável, e de novo, a preparação viva do nosso Natal.

Padre João

Pobres muita coisa também mudaria. Lembro-me da frase de Pai Américo: «Ai se tu soubesses como é lindo o Evangelho dos Pobres!»

O Natal está a bater à porta. Muitos de nós vamos beijar o Menino Jesus. Se tivéssemos também a coragem de beijar o Pobre, de nos deixarmos impressionar por ele, de o acolhermos no nosso coração, de sofrermos com ele, de partilharmos com ele... Que transformação aí viria!

Padre Manuel Cristóvão

Património dos Pobres

Muitos bairros — muitas barracas

SEMPRE que estou uns dias na nossa Casa do Gaiato de Lisboa não deixo de fazer visita aos bairros pobres onde encontro imensas barracas, com muitos moradores jovens por ali sentados, geralmente em grupos, à espera que o tempo passe; conversas sem interesse, droga nos bolsos, cigarro na boca, cabelos e barbas abandonados. Neste Outono quente e em tardes de sol.

Vamos, não para remediar. Nós não temos remédio para aqueles males. A Obra da Rua não é para grandes empresas. Vamos para os ter mais presentes na nossa vida e procurar que os seus problemas entrem na vida e acção dos homens que nos governam. «*Quem desaparece, esquece.*»

Vimos, há tempo, num jornal diário, o resumo do encontro de autarcas desta região a tomar consciência da solução para abolir as barracas. Ficou-nos a impressão do seu desânimo. Atenderam muito a pontos negativos dos abarracados: os *guetos* que poderão formar e viver neles; a mudança de ambiente; os vizinhos que já conhecem; o pequenino quintal que amanhã; a capoeira onde têm criação. Como cúpula das dificuldades apareceu o custo económico: — *Donde há-de vir tanto dinheiro!*

Homens tímidos com medo de arriscar. «*Assim nunca se vai a lado nenhum.*»

Pensamos e é para nós estímulo, o testemunho de vida

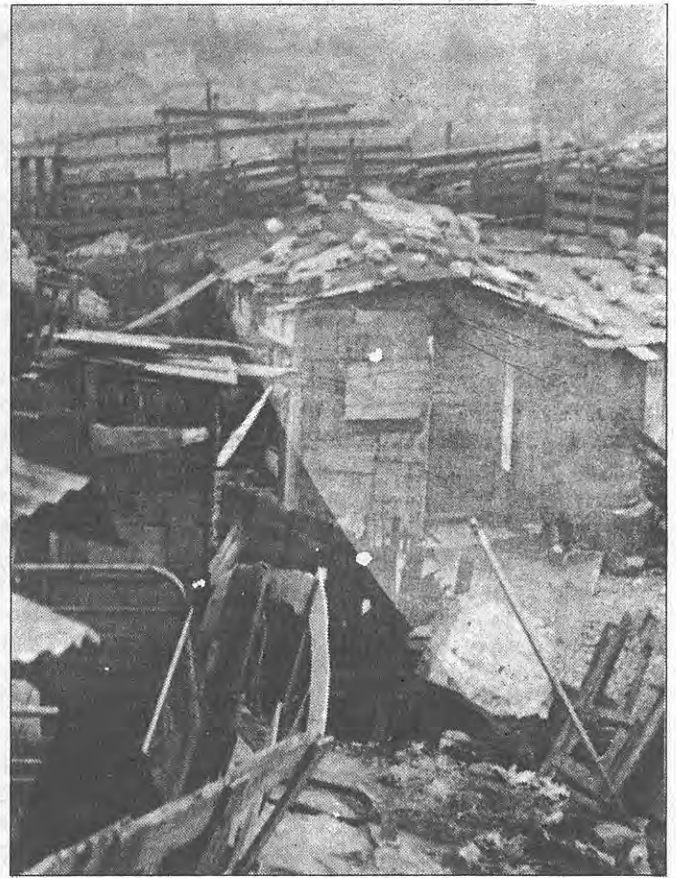
de Padre Américo. É modelo. Logo no princípio, quando quis orientar a Obra da Rua, foi ao Terreiro do Paço apresentar o seu plano, à procura de acolhimento. Teve como resposta o desinteresse: — *Que vai o senhor fazer? Salvar um? Salvar alguns? Eles são tantos pelas ruas de Portugal!*

Padre Américo, em silêncio, retirou-se. A Obra da Rua começou e quantos tem salvo! Quantos espalhados por todo o mundo! — *Olha se eu ficava na conversa daquele senhor!...*

Recordo a novidade no desabafo daquela manhã. Junto da estrada, Padre Américo encontrava uma família, pais e quatro filhos pequeninos, a viver numa barraca, a viver juntos com dois suínos. Regressou a casa consternado: — *Não dormi. Vou procurar deixar esta família feliz. Vou tentar dar-lhes uma casinha para habitarem.* E começou assim o Património dos Pobres.

Quantos milhares de casas se têm construído e se hão-de construir!... Nem todas têm sido bem aproveitadas, mas... Dá-se-lhes possibilidades de promoção humana. Nas visitas que temos feito ao Património dos Pobres encontramos mudanças extraordinárias nas pessoas: casas asseadas; algumas, autênticos jardins; outras, com aspecto de santuários. Vivência familiar e boa vizinhança.

Não podemos ficar de braços cruzados. Para a frente, com confiança, é que é o caminho!



Regularmente, visitamos bairros com muitas barracas na região de Lisboa.

Padre Horácio

SETÚBAL

Visita a uma Cadeia de senhoras

VISITAR um preso é uma acção espiritual. No Catecismo do meu tempo, uma obra de Misericórdia. Na modernidade, um encontro com Jesus Cristo... — *Estava preso e visitaste-Me.*

Para viver a Fé, no equilíbrio do religioso com o evangélico e perceber o mistério que a Palavra Divina pretende revelar, é absolutamente necessário assumir as dores e carências próprias e do Próximo e, nelas, participar do segredo pascal, sem o que pouco se entende da Salvação de Jesus: — *Afasta-te maldito!... Estava preso... doente... e não Me visitaste.*

À luz molente do sofrimento humano apercebemo-nos melhor das razões da Paixão do Mestre e intuimos com mais desembaraço a sua realidade frente aos poderosos, aos grandes do mundo, às estruturas por eles criadas e às suas maquiavélicas tradições.

Não basta celebrar o Mistério. É essencial vivê-lo na vida real. Só a celebração leva-nos a um mistério abstracto e vazio. A vida enche e dá sentido à celebração da Fé.

Com dois pares de irmãos fomos, há dias, visitar as suas mães à Cadeia. De cada uma tenho dois filhos.

Parece que não, mas este parentesco faz-nos entrar melhor no abismo de um cárcere e na dor de quem o sofre. Sem que nada combinássemos, quis Deus que a avó do Jorge e do Zé aparecesse também, à mesma hora, junto às grades da porta de entrada.

Quando inesperadamente viu os netos, quase sufocou de emoção e lágrimas e, durante toda a visita à filha, não fez senão chorar.

Não contávamos com aquele encontro. Íamos só para ver a mãe, que desde a Páscoa passada sofria

as doces e dolorosas saudades dos filhos.

A Prisão situa-se no cimo acanhado de um monte no meio da Vila. Altas e bem esticadas redes de aço, envolvendo todo o apertado espaço do cume, emprestam mais segurança à Cadeia e sugerem-nos arrepios. Uma estranha e terrífica sensação se apodera de nós, misturando-se com uma dor singular de comunhão com aquelas que suportam o enclausuramento.

Após as revistas legítimas das guardas e os simpáticos cumprimentos do Director, entrámos juntos para a sala de visitas, onde aguardavam ansiosas as mães dos quatro gaiatos.

Que abraços!... Que beijos!... Que colo!...

A mãe do Jorge e do Zé pô-lo sobre os seus joelhos e, sentada, conservou-os assim durante a brevíssima hora! Que sede de carícias e de acarinhar! Os rapazes não se manifestaram tanto.

As mães pareciam rebentar de ternura com os seus meninos!

Eles levaram mimos: castanhas e batatas doces assadas, caramelos e algum dinheiro; mas o mais saboroso conforto foram as suas pessoas.

Nos momentos em que contemplava o termo espectáculo, mudo e embevecido recolhia-me instintivamente em oração dando graças a Deus por me ter posto nestes caminhos! Não há vocação como esta!... Nem de rastos e a escorrer sangue a gente dá graças!

Era um pouco estranho àquela comunhão entre mães e filhos

Naturalmente entendi que era um pouco estranho àquela comunhão entre mães e filhos e só metia conversa quando todos se calavam.

A Cadeia tem oitenta senhoras num espaço tão exíguo!... No meio da Vila!... Não há um jardim, nem horta nem verdura!... Tudo pare-

ce de brancas, cimento e alcatrão cortados apenas pelo verde das grades e dos portões.

Entendemos que uma Prisão seja lugar de castigo. Este, no entanto, deve ser sempre acompanhado de duas vertentes, como agora se diz: o punir e o regenerar.

Nunca um castigo é justo se tem em vista apenas a função e esquece o mais importante que é o restabelecimento da pessoa.

Esta última finalidade deveria presidir ao projecto de qualquer reclusão em toda a parte do mundo.

Assim criar-se-ia mais segurança. Evitar-se-iam tantos assaltos e travava-se esta onda avassaladora de insegurança que nos esmaga.

Precisam de largos espaços

Uma Cadeia de mulheres precisa de largos espaços, os quais poderiam e, até, talvez, deveriam ser bem seguros. Mas amplos, onde as pessoas pudessem cultivar, com as suas próprias mãos, hortas e jardins; e inebriassem o coração com o perfume das flores e enchessem os olhos de muitas e variadas cores naturais. Nada como a Natureza e o trabalho para recuperar almas doentes como são sempre os(as) reclusos(as)!

Ao recordar a pestilenta cafurna onde vivia a mãe do Jorge e do Zé, e o curral onde foram criados o Nuno e o Márcio, e ao relembrar a degradação dos maridos destas mulheres, pergunto à *Justiça Divina* se eu seria melhor ocupando os seus lugares na vida.

Passando o que passaram e sofrendo o que sofreram!... Oh Cadeias!... Oh tristeza de desumanização! Oh ministério da Injustiça!... Oh mundo que só sabes atirar pedras!...

Soube que ali não vai ninguém portador da Palavra da Salvação, a qual introduz sempre o conforto, o arrependimento, vence a revolta, oferece a paz, o perdão e a Esperança em Deus — que em Jesus Cristo se

fez comungante de todo o Preso.

Não, ali não vai ninguém.

Se fosse numa casa de velhas obedientes e justas, não faltaria o capelão, o assistente, o confessor.

É uma casa de tresmalhadas. Mulheres de má vida. Metidas nas terríveis e nunca justas malhas da Justiça humana.

Onde está um Bom Pastor que deixe a festa das noventa e nove e procure aquelas que se perde-

ram?!... Se haverá festa no Céu é também porque uma conquista destas exige a oblação inteira de uma vida. De vidas. Oh Evangelho como andas arredio!

Padre Acílio

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro: 72.000 exemplares.

MALANJE

REFLECTINDO

ENQUANTO que no Brasil a luta pela terra se transformou numa vivência espiritual de milhares de braços erguidos e pés caminhando em romarias da terra, aqui é um «*mundão*» de terra à espera de braços amigos e de pés que a pisem com amor.

Só uma pequena parcela está recebendo o afago das enxadas. Este contacto supre amor e gera uma certa espiritualidade e sentido de vida muito além e mais nobre que a simples matéria e poder do dinheiro.

Mibangas negras que os braços humildes dos camponeses vão traçando nesta imensidão de capim verde!

O nosso Ford — oferta das Filhas de S. José — está a chegar. Ele vai lavar e semear (com raiva) mibangas compridas em seis aldeias. Dizemos raiva, pois são menos os braços trabalhando a terra que os de atitude mendicante...

Até aqui foi a guerra... E, agora, qual a nossa desculpa perante os milhões de hectares de terra fértil e ansiosa?!

«*Crimes impunes!*» — falou há dias o Padre Acílio.

Assim é. Uma naturalidade assustadora o gerar filhos em várias mulheres e, em muitos casos, nem sequer chegar a conhecê-los.

Sentimos que são longos os caminhos da lei que acabe com tamanha inconsciência. Esta, criminosa e geradora de crianças sem pai que cuide, ame e guie nos caminhos da vida. «*Ao Deus dar!*»

E fala-se tanto nos órfãos que vagueiam pelas ruas... «*Coitadinhos!*» — diz a multidão.

É um sair à rua de organizações de cá e além fronteiras; de reuniões quotidianas; de doações e donativos pingados com televisão — que é para Povo ver e «*botar*» lágrima.

Guerra acabou.

A raiz do mal está lá antes da guerra e vai continuar bem viva.

Menino aparece: — *Não tenho mãe, morreu na mina.*

— E tem pai?

O menino abre muito os olhos! Não entende. Fica silencioso. Dedo acusador numa realidade social.

Padre Telmo